



MY HUSBAND.  
MY TORMENTOR.

DECEPTION TRILOGY **BOOK 1**

# VOW OF DECEPTION

RINA KENT



# Sinopse

## *Meu marido. Meu algoz.*

O homem mais famoso da cidade me oferece um emprego.

Agir como sua esposa morta.

Adrian Volkov não é o tipo de pessoa que aceita um não como resposta.

Ele comanda com punho de ferro e todas as suas ordens são atendidas.

Quando ele me aborda com a oferta, tenho duas opções.

Ir para a prisão ou me colocar sob sua ira.

Eu escolho ter um teto sobre minha cabeça. O que há de tão difícil em atuar, certo?

*Errado.*

No momento em que me coloco no lugar de sua esposa, tudo sai de controle.

Minha única forma de sobrevivência é através de Adrian.

Ou é?





*Para cada um de nós que desafiou a lógica e se apaixonou por vilões.*

# Playlist

Snuff – Slipknot

Demons and Angels – LOWBORN

Darkness in Me – Fight The Fade

I Don't Know What to Say – Bring Me The Horizon

Designer Drugs - FNKHUSER

Virgin – Manchester Orchestra

Simple Math – Manchester Orchestra

Pale Black Eye – Manchester Orchestra

Warning Sign – Coldplay

Hemorrhage – Red

Crawling – Dream State

Ashes – Claire Guerreso

Survivin' – Bastille

Heavy Rain – Solence

Apprehension – Manchester Orchestra

Mighty – Manchester Orchestra

Flares – The Script

Haunted – Acacia Ridge

In The Shadows – Amy Stroup

Under Your Scars - Godsmack

You can find the complete playlist on [Spotify](#).

# Prólogo

A morte pode vir na forma de um *doppelgänger*<sup>1</sup>.

Existe um mito tão antigo quanto o tempo que diz que quando você conhece alguém que se parece com você, um de vocês morre.

Quem, é a questão.

Quem morreria primeiro? Eu ou ela?

Segundo o mito, o primeiro a ver o outro está fadado a encontrar o seu fim. Na mesma década. Mesmo ano. Talvez até no mesmo dia.

Eu levanto minhas mãos trêmulas e olho para o sangue que as cobre, se entrelaçando com meus dedos e rastejando sob minhas unhas.

Oh.

Acho que isso significa que a vi primeiro. Fiz contato visual primeiro.

Que má sorte. Mas acho que nunca tive o tipo bom. Não quando nasci, e certamente não quando fui empurrada para esta vida.

Minha atenção permanece no carmesim profundo que cobre minhas mãos como uma segunda pele. É espesso, pegajoso e sua cor escura queima na minha cabeça. Esfrego as palmas das mãos para limpar, mas isso não melhora. Na verdade, o sangue fresco e quente mancha ainda mais, como se já tivesse escolhido minhas mãos como local de residência permanente.

Fecho os olhos com força, inspirando ar forte. O som é rouco, gutural, arranhando a superfície dos meus pulmões como longos pregos enferrujados.

*Tudo bem. Quando eu abrir meus olhos, vou acordar. Isso não é real. É apenas minha imaginação selvagem e minha superstição juntando forças*

*para torturar minha mente.*

Isto. Não. É. Real.

Minhas pálpebras parecem ter sido coladas quando se separam.

O sangue ainda é o mesmo, quente, pegajoso e quase preto devido à falta de luz. Eu cerro meus punhos, meu corpo ficando rígido como um chicote tenso.

*Acorde. Acorde, porra.*

Minhas unhas cavam em minhas palmas, mas nada do que faço me puxa para fora. Nada interrompe esse ciclo desagradável.

Eu levanto minha cabeça e estudo meu entorno. Árvores selvagens me envolvem como um casulo. Elas são tão altas que o céu escuro mal é visível através da pequena abertura no alto.

Nuvens se condensam sobre o tom prateado da lua e eu estremeço. O suéter fino sobre meu vestido de algodão mal me protege do frio.

Sentir frio deveria ser um bom sinal, mas não é. Não é uma indicação clara se isso é real ou não.

O sangue em minhas mãos não vai desaparecer e nem o tremor disparando pelo meu corpo.

*Ele está atrás de mim.*

Se ele me encontrar, ele vai me matar.

Eu aperto minhas pálpebras e conto em voz alta: — três, dois, um.

Quando os abro novamente, as árvores são as mesmas, assim como o frio. O sangue está mais frio agora. Mais espesso. Mais pegajoso. Como um

demônio possuindo minha mente e começando com minhas mãos.

*Não.*

Eu afundo minhas unhas na longa cicatriz em meu pulso e agarro a pele o mais forte que posso, com a intenção de removê-la e olhar sob ela. Para ver o sangue realmente fluindo, para diferenciar este pesadelo da realidade.

Se não houver dor, isso não é real. É apenas outra manifestação cruel do meu subconsciente e outra autopunição. Em breve, tudo estará acabado e eu vou acordar, sã e salva.

Minha pele se rompe com o ataque de minhas unhas e uma dor lancinante explode no ferimento.

Minha boca se abre e uma lágrima pende da minha pálpebra.

*Isso é real.*

Isso não é um pesadelo. Eu não dormi e acordei no inferno. Eu fui lá com meus próprios pés.

Não.

Não...

Meus lábios secos tremem, algumas gotas de sangue caem da minha ferida e se juntam ao massacre em minhas mãos.

Tanto sangue só pode significar uma coisa.

Eu tirei uma vida.

Meus demônios finalmente venceram.

Eles estão em silêncio agora, nem mesmo tentando sussurrar essas coisas maliciosas, aqueles pensamentos que me atormentam dia e noite. Eles

aumentaram de volume, batendo e arranhando os limites da minha cabeça até que eu os ouvi.

Até eu realizar o desejo deles.

— Eu não sou uma assassina. Isso não é um assassinato... — Murmuro as palavras para mim mesma. Talvez se eu continuar fazendo isso, eu possa desfazer o que aconteceu.

Talvez eu possa voltar e mudar isso.

Eu fico olhando para o céu escuro e sombrio, as lágrimas se agarrando às minhas pálpebras. — Se houver alguém aí, por favor, me deixe voltar para mudar isso. Eu não sou essa pessoa. Não me deixe ser essa pessoa. Por favor...

Apenas o vento uivante me responde, seu som ecoando na floresta vazia como espíritos vingativos com olhos amarelos e bocas abertas.

— P-Por favor... — eu imploro. — Por favor, pare de me torturar comigo mesma. Por favor.

Eu sei que meus apelos não surtiram nenhum efeito, mas é a última esperança que posso manter. O último tópico que pode me salvar. Porque eu preciso desesperadamente ser salva agora.

E eu não confio mais em mim mesma para fazer isso. Se eu tentar, só vou piorar as coisas. Vou ficar fora de controle e deslizar pelo caminho sem volta.

A próxima coisa que sei, serei meus próprios demônios.

Eu serei minha própria ruína.

Serei aquilo de que fugi durante toda a minha vida.

— Por favor, faça parar. — Minha voz engasga e eu fungo. — Por favor. Eu farei qualquer coisa.

Desta vez, o vento não é minha resposta. O barulho de passos vem em torno das árvores.

Meus pés vacilam e eu paro de respirar. Meus demônios não poderiam ter me encontrado tão cedo.

Embora... espere. Isso é realidade. Meus demônios não aparecem na realidade. Isso significa que os passos pertencem a alguém mais perigoso do que eles.

Eu giro e corro à frente, empurrando os galhos baixos para fora do meu caminho. As folhas caídas rangem sob meus sapatos baixos, mas não paro para pensar no som que estou fazendo, o que dá uma indicação clara de onde estou. Isso não é importante agora. Se eu for pega, serei morta.

Na verdade, meu destino será muito pior do que a morte.

*Viva. Você é uma lutadora. Você nasceu para viver.*

As palavras da mamãe ecoam na minha cabeça, me carregando com uma grande dose de adrenalina. Eu tenho que viver e permanecer assim para nós duas.

Eu *preciso* viver

Os passos ficam mais próximos a cada segundo que passa, até que seu ruído surja bem atrás de mim. Eu não olho para trás ou mesmo tento. Em vez disso, uso as árvores como camuflagem, correndo entre elas tão rápido que meus tendões gritam de dor.

Se meu padrão for irregular, ele não me encontrará. Se eu for imprevisível, poderei escapar das garras da morte.

Fui ensinada a nunca pegar o canudo mais curto ou ter menos do que mereço. É irônico que ele tenha me ensinado isso, mas agora está vindo atrás de mim.

*Tão irônico.*

As árvores se dissipam e eu paro bruscamente no topo de um penhasco. Pedregulhos escapam de meus pés e rolam sobre as enormes pedras e, finalmente, para a água escura e turva que está batendo contra as rochas. O som das ondas furiosas ecoa no ar como uma sinfonia de morte.

O céu está completamente nublado agora, lançando uma sombra sombria no mar bravo.

Enquanto eu olho para baixo, um pensamento estranho, porém familiar, passa pela minha cabeça.

Seria tão fácil acabar com isso. Tão fácil.

Basta um passo. Um passo e afogarei meus demônios com minhas próprias mãos.

Um passo e vou matá-los de uma vez por todas, então eles nunca mais sairão.

— Faça.

Um arrepio percorre minha espinha com a voz sinistra que vem atrás de mim.

Ele me *encontrou*.

Eu giro tão rápido que perco o equilíbrio e balanço para trás. Eu estendo a mão para ele e agarro seu braço com as duas mãos, as unhas cravando em

sua camisa. Manchas de sangue no pano cinza claro como evidência do meu desespero por viver.

Ele está imóvel, como uma estátua fria, enquanto eu permaneço suspensa no ar. Seu rosto está sombreado e não consigo ver nada, exceto os contornos de seu queixo e cabelo.

Como eu sei que ele não fará nenhum movimento para me ajudar, tento usar meu aperto em sua manga para me puxar para cima.

— Você acabou com uma vida. — Seu tom calmo, mas ameaçador, me faz parar no meio do caminho.

Eu balanço minha cabeça violentamente. — Eu n-não queria.

— Ainda aconteceu.

— Não, por favor... não...

— Morra por seus pecados. — Ele puxa a mão livre e eu tropeço para trás e descio o penhasco.

Abro a boca para gritar, mas nenhum som sai. A queda não é tão dolorosa quanto eu esperava. Se qualquer coisa... é pacífica.

Depois de dar uma última olhada na silhueta que olhava para mim, eu fecho meus olhos, deixando as lágrimas caírem.

É finalmente o fim.

# Capítulo Um

## Adrian

O cheiro de rosas se transformou no fedor da morte.

Eu fico olhando para o sangue jorrando de suas feridas, para a vida teimosamente deixando seu corpo sem pausa ou segundos pensamentos.

A cor vermelha está estragando sua pele clara, pintando riachos por seus braços e pernas e contornando seu rosto macio.

Seus olhos estão abertos, mas ela não está olhando para mim. Seu olho azul está em branco, desapareceu, já existindo em algum outro lugar onde eu não pertença.

Eu embalo sua cabeça em meus braços, acariciando suavemente seu cabelo castanho escuro. Levantando uma mecha molhada, eu inalo profundamente, em busca do que é possivelmente minha última dose de rosas. Não importa se elas são espinhosas e me picariam no processo. O método não tem importância para mim, desde que eu faça as coisas.

O que me saúda é a coisa mais distante das rosas. Não é nem morte. É pior.

Nada.

Entorpecimento.

Um lugar onde ela não pode e não vai me sentir. Onde ela acabou com tudo apenas para que ela pudesse selar seu coração e sua alma.

Só para que ela pudesse... desaparecer.

Eu afasto seu cabelo de seu rosto e escovo meus lábios sobre sua testa.  
— Eu vou te encontrar de novo.

As pessoas dizem que a morte é o fim.

Para mim, é apenas o começo.

# Capítulo Dois

## Winter

Acho que parei de sentir.

Não é que eu tenha desligado minhas emoções, mas tenho certeza de que perdi as sensações em minhas mãos e pés.

Quase posso ver as bolhas de frio em meus dedos dentro das luvas rasgadas e entre os dedos dos pés, que estão cobertos por meias velhas e sapatos masculinos que são um tamanho grande demais, deixando meus pés desajeitados a cada passo que dou. O ar gelado está até mesmo passando pela barreira de meus quatro suéteres finos e o casaco que é três vezes maior.

A temporada de neve atingiu fortemente este ano na cidade de Nova York. Eu me sinto como um boneco de neve ambulante com o peso das roupas que estou vestindo. Nenhuma delas é macia ou protetora o suficiente, mas é melhor do que morrer de hipotermia.

Seria irônico se eu morresse de frio quando meu nome é Winter.

O destino é um pouco cínico demais ou o quê? Ele deve ter pensado neste momento em que sussurrou para minha mãe que ela deveria me dar o nome da estação mais fria e difícil.

O destino também escolheu o pior estado para me jogar. Não só os invernos aqui são frios, ventosos e úmidos como o inferno, mas os verões também são insuportáveis com toda a umidade.

Mas quem sou eu para reclamar? Pelo menos aqui, posso deslizar pela multidão sem ser notada.

Como se eu não existisse.

A invisibilidade é uma ferramenta poderosa. Em uma cidade que abriga mais de oito milhões de habitantes, é realmente fácil para alguém como eu passar despercebida.

O frio me obriga a me destacar mais, no entanto. Enquanto caminho pelas ruas molhadas entre centenas de milhares de pessoas, às vezes recebo olhares. Eles nem sempre têm pena, muitas vezes, eles são críticos. Posso ouvi-los dizer: *Você poderia ter feito melhor, mocinha.*

Mas a maioria dos nova-iorquinos está tão insensível que não dá a mínima para um ninguém como eu.

Tento não me concentrar nas pessoas que saem das padarias com comida para viagem, mas não posso ignorar os cheiros divinos que passam por mim. Abro a boca e, em seguida, fecho como se isso fosse me dar um gostinho das guloseimas.

Se ao menos eu pudesse tomar uma sopa quente agora ou comer um pedaço de pão quente.

Eu engulo a saliva que se forma em minha boca com o pensamento. Sempre que estou morrendo de fome e não tenho acesso a comida, imagino uma mesa cheia de refeições deliciosas e finjo que estou me deliciando com elas. Mas meu estômago só acredita por meio minuto antes de começar a roncar novamente.

É difícil enganar aquele.

Por mais faminta que eu esteja, no entanto, o que eu realmente amo mais é beber.

Eu levanto a lata de cerveja que está embrulhada em um saco de papel marrom e tomo o resto. Lá se vão as gotas finais que deveriam me ajudar no meu dia.

É apenas a tarde e comi pela última vez... quando foi de novo? Dois dias?

Talvez eu devesse voltar ao abrigo para uma refeição e um pedaço de pão...

Eu descarto o pensamento assim que ele surge. Jamais voltarei àquele lugar, nem mesmo se tiver que dormir na rua. Acho que devo procurar outro abrigo onde possa passar o resto do inverno ou então morrerei de frio lá fora.

Meus pés param na frente de um pôster emoldurado pendurado na lateral de um prédio. Eu não sei por que paro.

Eu não deveria.

Eu não paro normalmente.

Eu não paro e fico olhando, porque isso chamaria a atenção para mim e arruinaria minhas chances de ter superpoderes de invisibilidade.

Mas por razões desconhecidas, eu paro desta vez. Minha lata vazia está aninhada entre meus dedos enluvados, suspensa no ar enquanto estudo o anúncio.

O pôster é para o New York City Ballet, anunciando uma de suas apresentações. Todo ele é ocupado por uma mulher usando um vestido de noiva e parada na ponta dos pés. Um véu cobre seu rosto, mas é transparente o suficiente para distinguir a tristeza, a aspereza, o... desespero.

‘Giselle’ está escrito em sua cabeça. Na parte inferior estão os nomes do diretor e da primeira bailarina, Hannah Max, além das demais bailarinas participantes do show.

Pisco uma vez e, por um segundo, posso ver meu reflexo no vidro. Meu casaco engole meu corpo pequeno e meus tênis de cano alto enormes parecem sapatos de palhaço. Meu chapéu de pele sintética cobre minhas orelhas, e meu cabelo loiro está desgrenhado e oleoso, com as pontas escondidas dentro do meu casaco. Meu chapéu está um pouco puxado para trás, revelando minhas raízes escuras. Sentindo-me de alguma forma autoconsciente, puxo o capuz do meu casaco sobre a cabeça, permitindo que obscureça meu rosto.

Agora pareço uma serial killer.

*Ha.* Eu riria se pudesse. Um serial killer é inteligente o suficiente para não acabar nas ruas. Eles são espertos o suficiente para não se afogar tanto em álcool a ponto de se tornar impossível manter um emprego.

Eu pisco novamente e o pôster volta a ser visto. Giselle. Ballet. Primeira bailarina.

Um desejo repentino de arrancar os olhos da mulher me oprime. Eu inspiro, depois expiro. Eu não deveria ter uma reação tão forte em relação a uma estranha.

Eu a odeio. Eu odeio Hannah Max e Giselle e balé.

Girando, eu saio antes de ficar tentada a quebrar o pôster.

Amasso a lata e jogo em uma lata de lixo próxima. Essa mudança de humor não é boa, de jeito nenhum.

É por causa da falta de álcool no meu sistema. Não bebi cerveja suficiente hoje para ficar bêbada à luz do dia. O frio se torna mais tolerável quando minha mente está entorpecida. Meus pensamentos não são tão altos e eu não tenho sentimentos assassinos por causa de um pôster de balé inofensivo.

Eu distraidamente atravesso a rua como faço todos os dias. Tornou-se minha rotina, e eu nem presto mais atenção a isso.

Esse é o meu erro, tomar as coisas como certas.

Eu não ouço a buzina estridente até estar no meio da rua.

Meus pés param no lugar como se pedras pesadas os mantivessem colados ao chão. Enquanto eu olho para as luzes de emergência da van e ouço sua buzina contínua, acho que minha vida de 27 anos, desde o nascimento até agora, vai passar na frente dos meus olhos. Isso é o que acontece na hora da morte, certo? Eu deveria me lembrar de tudo.

Desde o momento em que mamãe nos mudou de uma cidade para a outra, até que a vida me jogou em Nova York.

Desde o momento em que floresci, até o acidente que me transformou em uma alcoólatra incurável.

No entanto, nenhuma dessas memórias veio. Nem mesmo um fragmento delas. As únicas coisas que invadem minha cabeça são os dedinhos dos pés e das mãos. Um rosto e um corpo minúsculos que a enfermeira colocou em meus braços antes de ser levada embora para sempre.

Um nó se forma na minha garganta e eu tremo como uma folha insignificante nas ruas frias de inverno de Nova York.

Eu prometi viver para ela. Por que diabos estou morrendo agora?

Eu fecho meus olhos. *Eu sinto muito, menina. Sinto muito.*

Uma grande mão me agarra pelo cotovelo e me puxa para trás com tanta força que tropeço em meus próprios pés. A mesma mão gentilmente me segura pelo braço para me manter de pé.

Eu lentamente abro meus olhos, meio que esperando encontrar minha cabeça embaixo da van. Mas, em vez disso, a buzina soa quando passa por mim, o motorista gritando pela janela: — Olhe para onde você está indo, sua vadia louca!

Encontrando seu olhar, eu dou o dedo com minha mão livre e continuo fazendo isso para ter certeza de que ele vê no espelho retrovisor.

Assim que a van desaparece na esquina, começo a tremer de novo. A breve onda de adrenalina que me atingiu quando fui insultada murcha, e agora tudo em que consigo pensar é que poderia ter morrido.

Que eu *realmente* decepcionaria minha garotinha.

— Você está bem?

Eu giro ao som da voz com sotaque. Por um segundo, esqueci que alguém havia me puxado para fora do caminho daquela van. Que se ele não tivesse, eu estaria morta agora.

O homem, que é russo, a julgar pelo sotaque sutil com o qual acabou de falar, está na minha frente, sua mão ainda segurando meu cotovelo. É um toque suave em comparação com a força bruta que ele usou para me puxar de volta.

Ele é alto e, embora a maioria das pessoas seja mais alta do que meu um e sessenta e dois, ele vai muito além disso. Provavelmente um e oitenta e oito ou mais. Ele está vestindo uma camisa preta e calças com um casaco de

cashmere cinza escuro aberto. Podem ser as cores, ou o comprimento do casaco, que vão até os joelhos, mas ele parece elegante, composto, meio que um advogado, e provavelmente trabalhou como modelo para pagar as mensalidades da faculdade.

Seu rosto conta uma história diferente, no entanto. Não que ele não seja bonito, porque ele é, características agudas e angulares que se encaixam em seu corpo modelo. Ele tem maçãs do rosto salientes que projetam uma sombra em sua mandíbula grossa.

Seus olhos são de um tom intenso de cinza beirando o preto. A cor de suas roupas pode estar intensificando sua aparência, no entanto. O fato é que eles são muito... desconfortáveis de se olhar. Sabe quando algo ou alguém é tão bonito que chega a doer só de olhar para ele? É esse estranho. Olhar em seus olhos, por mais bizarros que sejam, me atinge com um sentimento de inferioridade que não consigo me livrar.

Embora suas palavras transmitam preocupação, não vejo nenhuma escrita em sua expressão facial. Nenhuma empatia da qual a maioria das pessoas é capaz.

Mas, ao mesmo tempo, ele não parece o tipo que finge preocupação. Se qualquer coisa, ele seria como o resto dos transeuntes que mal olharam na direção do quase acidente de trânsito.

Eu deveria estar me sentindo grata, mas a única coisa que quero é escapar de suas garras e de seus olhos inquietos. Seus olhos profundos e suplicantes que vão decifrando meu rosto, aos poucos.

Peça por peça minúscula.

— Eu estou bem, — eu respondo, torcendo meu cotovelo livre.

Sua testa franze, mas é breve, quase imperceptível, antes que ele volte à sua expressão anterior, me deixando ir tão suavemente quanto ele estava me segurando. Espero que ele se vire e vá embora, para que eu possa contabilizar toda a experiência como uma infeliz tarde de inverno.

Mas ele apenas fica ali, imóvel, sem piscar, sem dar um único passo em qualquer direção. Em vez disso, ele opta por me observar, suas sobrancelhas grossas desenhando sobre os olhos que eu realmente não quero olhar, mas me encontro arrastada para o seu cinza selvagem de qualquer maneira.

Eles são como a dureza das nuvens acima e a rajada impiedosa do vento em todas as direções. Eu posso fingir que eles não existem, mas eles ainda me fazem perder a sensação de meus membros. Eles me causam bolhas e dores.

— Tem certeza de que está bem? — Ele pergunta de novo e, por algum motivo, parece que ele quer que eu diga a ele que não estou.

Mas por que? E com que fim?

Eu sou apenas um dos milhares de sem-teto nesta cidade. Um homem como ele, que está rodeado por um ar impenetrável de confiança, insinuando que está em alguma posição de destaque, nem deveria ter olhado em minha direção.

Mas ele fez.

E agora, ele está perguntando se eu estou bem. Estar acostumada com a invisibilidade me deixa inquieta quando estou de repente visível.

Desde que este estranho russo me agarrou pelo braço, senti uma coceira sob minha pele, me incitando a pular de volta para as sombras.

*Agora.*

— Sim, — eu deixo escapar. — Obrigada.

Estou prestes a me virar e sair quando a autoridade em sua voz me impede. — Espere.

Meus sapatos grandes fazem um barulho estridente no concreto quando sigo seu comando. Eu normalmente não faria. Não sou boa em ouvir ordens, é por isso que estou neste estado.

Mas algo em seu tom chama minha atenção.

Ele enfia a mão no casaco e dois cenários surgem na minha cabeça. A primeira é que ele vai sacar uma arma e atirar na minha cabeça por desrespeitá-lo. A segunda é que ele vai me tratar como muitos outros e me dar dinheiro.

Essa sensação de inferioridade bate novamente. Embora eu geralmente aceite troco das pessoas para comprar minha cerveja, eu não imploro por isso. A ideia de pegar o dinheiro desse estranho me faz sentir suja, menos que invisível e mais como uma partícula de poeira em seus sapatos de couro preto.

Pretendo recusar seu dinheiro, mas ele apenas pega um lenço e o coloca na minha mão. — Você tem algo em seu rosto.

Sua pele roça nas minhas luvas por um segundo e, embora o contato seja breve, eu vejo isso.

Uma aliança de casamento em seu dedo esquerdo.

Eu pego o pedaço de pano na minha mão e aceno em agradecimento. Não sei por que esperava que ele sorrisse ou até mesmo desse um aceno de cabeça em troca.

Ele não fez.

Seus olhos penetram nos meus por alguns segundos, então ele se vira e sai.

Bem desse jeito.

Ele me apagou de sua tarde infeliz e agora está voltando para sua esposa.

Considerando o extremo desconforto que senti em sua presença, achei que ficaria aliviada quando ele fosse embora.

Pelo contrário, parece que meu esterno está cavando na carne sensível do meu coração.

*Que diabos?*

Eu fico olhando para o lenço que ele colocou na minha mão. Possui as letras A.V. bordado nele e parece ser feito à mão. Algo de valor.

Por que ele me daria isso?

*Algo em seu rosto.*

Tem muita merda na minha cara. Uma camada de sujeira, na verdade. Já que eu não estou em um banheiro público há algum tempo. Ele realmente achava que um lenço maldito seria a solução?

Irritada com ele e com a minha reação em relação a ele, jogo o lenço em uma lata de lixo e corro na direção oposta.

Eu preciso de uma refeição quente e uma cama esta noite, e se isso significa encontrar o diabo novamente para tê-los, que seja.

# Capítulo Três

## Winter

Eu paro antes de virar a esquina em direção ao abrigo.

Dizer que vou enfrentar o diabo e realmente fazer isso são duas coisas diferentes. Afinal, arranhei seu rosto, chutei suas bolas e o empurrei contra a mesa na última vez em que o vi.

Ele pode realmente me pegar e me forçar a passar um dia na delegacia.

Um rosnado baixo escapa do meu estômago e estremeço quando ele se contrai. Quase posso senti-lo abrindo a boca e, quando não encontra nada, emite um som horrível.

Eu envolvo um braço em volta da minha cintura como se isso fosse apaziguar magicamente a dor.

Certo, vou apenas tentar pegar um pouco de sopa e ir embora. Muitos moradores de rua que não passam a noite aqui vêm apenas para comer, então meu plano não deve ser estranho.

Eu puxo meu capuz sobre minha cabeça e esfrego minhas mãos em uma tentativa meia-boca de aquecê-las enquanto eu viro a esquina.

Dois carros da polícia estão estacionados em frente ao abrigo com as luzes azul e vermelha acesas. Algumas vans de notícias estão espalhadas pelo prédio pobre. Repórteres e cinegrafistas estão por toda parte, como insetos em busca de um pedaço de lixo suculento para morder.

Não me diga que aquele idiota nojento chamou a polícia e a mídia por minha causa? Eu só chutei ele. Certo, talvez eu agarrei seu rosto e o soquei

também, mas isso foi em legítima defesa. Foi ele quem me chamou em seu escritório e estava me apalpando onde não deveria estar tocando.

Posso ter pouco, tudo bem, nada, mas posso me proteger contra bastardos como ele.

Mas se eu contar isso para a polícia ou a mídia, eles não vão acreditar em mim. Por que o respeitável diretor de um abrigo para sem-teto, que também está concorrendo a prefeito, tocaria em uma pessoa insignificante e suja como eu?

Eu realmente deveria procurar outro abrigo. Mas eles vão me deixar entrar se Richard já me colocou na lista negra?

Foi arranhar, o soco ou o chute que selou o acordo para ele? Se fosse o último, que fosse. Porque chutá-lo nas bolas não é algo de que me arrependo no mínimo.

Uma pedra me atinge na cabeça e eu estremeço, me virando. Um sorriso levanta minha boca quando eu faço contato visual com a única pessoa que eu chamaria de meu amigo neste buraco de merda.

— Larry! — Eu sussurro-grito.

— Venha aqui. — Ele faz um gesto para que eu me junte a ele em um pequeno beco que é usado para jogar o lixo.

Eu rapidamente me movo para o lado dele e estremeço com o cheiro de lixo. Não que Larry e eu sejamos as pessoas mais cheirosas por aí, considerando o tempo limitado que temos para tomar banho.

A pele bronzeada de Larry parece ainda mais escura nas sombras. Ele é um homem de meia-idade, por volta dos cinquenta anos, como ele me disse e tem as rugas ao redor dos olhos como prova do tempo que passou nesta

terra. Suas feições são duras, angulosas e o osso do nariz se projeta devido a ter sido quebrado antes.

Ele está vestindo um casaco de cashmere laranja escuro de segunda mão que ganhou de uma instituição de caridade. Suas botas e luvas são azul marinho. Obviamente, seu senso de moda é definitivamente melhor do que o meu.

Nós nos conhecemos há algumas semanas em uma das estações de metrô e ele compartilhou seu jantar comigo. Dei a ele metade da minha preciosa cerveja e, de alguma forma, nos tornamos melhores amigos. A única coisa que mais amo na companhia de Larry é que ele não é do tipo falante. Nós dois sonhamos acordados na presença um do outro, sem nos preocupar em fazer muitas perguntas. Encontramos camaradagem no silêncio. Em fechar a porta para o mundo. Ele sabe sobre meu problema com o álcool, porém, e me disse que é um veterano.

Larry foi quem me trouxe a esta merda, dizendo que teríamos refeições grátis e uma cama quentinha. Ficamos um pelo outro, então quando um está dormindo, o outro fica de guarda para que ninguém nos toque. Quando não há camas disponíveis, sentamos um ao lado do outro, coloco minha cabeça em seu ombro e dormimos assim.

— Estive procurando por você por toda parte. — Ele arqueja. — Onde você esteve?

— Por aí.

— Você roubou cerveja de novo?

— Não!

— Winter... — ele aperta a ponta do nariz como se eu fosse uma criança insolente.

— Tudo bem. Apenas uma. Eu não tinha nenhum trocado.

— Nós concordamos em nunca roubar.

— Tempos desesperadores, Larry. Além disso, você sabe que não gosto do meu estado sóbrio. Ela tem problemas. — Talvez seja por isso que estou me sentindo desequilibrada a tarde toda. Tenho baixa tolerância ao álcool, mas até eu preciso de mais do que uma única cerveja para ficar bêbada.

— Winter...

— Esqueça. — Eu jogo a mão desdenhosa na direção geral do abrigo. — O que aconteceu aqui?

Ele afina os lábios antes de liberá-los. — Eu deveria te perguntar isso.

— Eu?

— Sim você. Por que você acha que a polícia e a mídia estão aqui?

— Porque Richard os chamou para me demonizar?

— Não exatamente.

— Então o que?

— Richard foi encontrado morto em seu escritório esta manhã.

Eu paro, uma sensação estranha me agarrando pela garganta e confiscando meu suprimento de ar. Quando eu falo, é em um sussurro tenso.  
— O que?

— A equipe de limpeza o encontrou em uma poça de seu próprio sangue e a polícia suspeita que você tenha feito isso.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Vow of Deception"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).